

2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*(separata 5)*



2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 5)*

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondareczuk  
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrie (EHES)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Templo de Selinunte (Sicília, Itália).

EDITORAÇÃO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 43  
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Felipe Marques Maciel | Fernanda Messeder Moura | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@letras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@letras.ufrj.br)

# *Ordo epistularum*: o papel literário das duas primeiras cartas nos livros de Plínio, o Jovem

Lucas Matheus Caminiti Amaya

## RESUMO

O presente artigo visa propor uma nova leitura das cartas de Plínio, entendendo-as não como papéis avulsos juntados de última hora, mas como uma complexa e harmônica composição literária, que entende o livro não como um ajuntado morto daquilo que se fizera muito antes, mas como um ser vivo. Além de ser um gigante que ecoa a imagem de um excelso Plínio, a coletânea de cartas aponta para uma estrutura poética muito bem desenvolvida, uma que faz cada membro daquele corpo ressoar os demais, sejam os membros menores, as cartas, sejam os membros maiores, os livros. Para isso, observaremos como Plínio faz uso das posições um e dois dos livros e o que essas posições significam para a obra como um todo.

## PALAVRAS-CHAVE

Plínio, o Jovem; Epistolografia; Composição; Livro epistolar; Cartas.

SUBMISSÃO 29.08.2021 | APROVAÇÃO 03.01.2022 | PUBLICAÇÃO 22.02.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i43.46009>



quele que se debruçar sobre as cartas de Plínio, o Jovem, inicialmente terá de observar o termo *ordo*, tão debatido por seus possíveis significados na carta I.1.2, passo em que lemos “*Collegi non servato temporis ordine (neque enim historiam componebam), sed ut quaeque in manus uenerat*”<sup>1</sup> (coletei-as não conservando a ordem por data, pois não compunha uma História, mas na ordem que cada uma chegava às mãos).<sup>2</sup> Seria a “ordem temporal” da data de composição? Seria pela data dos temas tratados?

Conforme proporemos neste artigo, a ordem, porém, que temos nas cartas é outra, e não necessariamente reproduz ordem alguma de tempo. Essa ordem, aqui proposta, está ligada a elementos puramente literários: tal qual a posição das palavras na frase latina, a ordem das cartas nos livros de Plínio parece apontar para uma estruturação muito bem definida e que se repete livro por livro. Dessa maneira, quando um leitor ou ouvinte começasse a ler ou ouvir um dos nove livros de cartas de Plínio, poderia tomar conhecimento de diversos fatores, principalmente a quem o livro louvava em vida ou *post mortem*, e a apresentação do livro em si, frequentemente apresentada na metáfora que baseia o gênero epistolográfico, a carta, é a presença física, moral e legal de seu emissor.

Seguindo tal linha de raciocínio, a primeira carta seria uma apresentação do livro que ela abre. A abertura epistolar como um prefácio, ocasionalmente como a orelha de um livro moderno, era comum em diversos gêneros e amplamente utilizada nos tempos de Plínio. A origem dessa prática remonta ao envio de cópias de obras junto a uma carta de apresentação das mesmas, uma forma de presentear amigos desde o período republicano – como por exemplo as cópias do *Academica* que Cícero envia a Varro, como vemos em S.B. 254, *Ad familiares*.<sup>3</sup> Porém, a partir do período augustano, mas com maior força durante o séc. I EC, tal mecanismo se tornou uma forma de abrir qualquer obra, cabendo à carta uma apresentação da obra que se vai ler ou ouvir e uma homenagem a

alguém que tenha auxiliado de alguma forma – um patrono, um professor, um incentivador etc.

Isso não quer dizer que todas as obras apresentavam uma carta em si como abertura. Contudo, era muito regular uma introdução prévia destinada a uma pessoa específica, por vezes como uma carta em todo o seu sentido, por vezes uma emulação do gênero epistolar. Como já no tempo de Plínio havia uma procura grande por determinados tipos de obras, tal emulação do gênero poderia ser entendida como uma cópia de uma obra enviada a alguém, dando um sinal de que obra estava bem desenvolvida e cuidadosamente composta, uma vez que teria sido enviada a amigos importantes e eruditos.

É preciso, porém, entender que a coletânea de Plínio é feita de nove livros epistolares, sendo o décimo algo externo e diferente em todos os sentidos – trata-se de um registro de cartas a Trajano e as respostas do imperador, uma comunicação oficial e sem qualquer literariedade. Ademais, diversos autores apontam para elementos internos e externos que dão base a tal linha de raciocínio: Gibson<sup>4</sup> aponta para a primeira carta do livro primeiro ser a Claro e a última do livro nono, a Fusco, e como a releitura da obra é necessária para a ressignificar a cada novo começo; Gibson e Morello<sup>5</sup> dissertam longamente sobre a estrutura poética, pensada como um elemento único composto de nove partes; Marchesi<sup>6</sup> aponta a estrutura do *from dawn till dusk* (do amanhecer ao anoitecer), estabelecendo que a coletânea é do primeiro ao novo livro, também por conta de Claro e Fusco. Não obstante, Zenahcker<sup>7</sup> disserta sobre as diversas possibilidades de publicação dos livros, que podem ter sido de três em três, de dois em dois, ou até mesmo outras. Por isso, vamos considerar apenas as cartas primeira e segunda dos livros I a IX, desconsiderando o X.

A carta que abre o primeiro livro é endereçada a Setício Claro:<sup>8</sup>

*Frequenter hortatus es ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non seruato temporis ordine (neque enim historiam componebam), sed ut quaeque in manus uenerat. 2 Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet ut eas*

*quae adhuc neglectae iacent requiram et si quas addidero non supprimam. Vale.*

Com frequência me encorajas a coletar e publicar as cartas que eu tiver escrito com um pouco mais de esmero. Coletei-as, mas não mantive uma ordem cronológica (de fato, não estava compondo uma história), mas conforme cada uma vinha às mãos. 2 Só resta que nem eu me arrependa da complacência e tu do pedido. De fato, procurarei as que tiver esquecido e não deixarei de lado as que adicionar ao montante de cartas escritas. Adeus.

O destinatário é um grande literato e importante político de sua região, Gália Cisalpina, por quem Plínio tinha uma grande admiração e respeito. Em verdade, a carta é uma justificativa e uma definição da obra, que se propõe a expor cartas compostas com mais cuidado e esmero, cartas selecionadas e de certa forma, como veremos, em posições planejadas, o que lhes forneciam novos sentidos. Essa carta serve de convite para analisar o material que ali será apresentado, como se fosse ela externa ao próprio livro, pois ela sequer reconhece ainda o livro em si, entendido ainda como elemento futuro, empresa ainda em execução.

Já a segunda carta é a que realmente apresenta o livro em si, como podemos ler no passo primeiro:

*Quia tardiorem aduentum tuum prospicio, librum quem prioribus epistulis promiseram exhibeo. Hunc rogo ex consuetudine tua et legas et emendes, eo magis quod nihil ante peraeque eodem ζήλω scripsisse uideor.*

[...] <sup>9</sup>

*6 Est enim plane aliquid edendum, atque utinam hoc potissimum quod paratum est (Audis desidiaie uotum)! Edendum autem ex pluribus causis, maxime quod libelli quos emisimus dicuntur in manibus esse, quamuis iam gratiam nouitatis exuerint; nisi tamen auribus nostris bibliopolae blandiuntur. Sed sane blandiantur, dum per hoc mendacium nobis studia nostra commendent. Vale.*

Apresento-te o livro que eu prometi em minhas cartas anteriores, pois prevejo uma chegada atrasada tua. Peço que leias e corrija segundo tua prática, ainda mais porque não me parece que eu tenha escrito nada anterior com o mesmo zelo.

[...]

6 Claramente algo meu deve ser publicado (e tomara que seja este que está pronto! Ouves o desejo da preguiça!), porém deve ser publicado por muitos motivos, principalmente porque os livros que lançamos dizem que estão nas mãos de todos, ainda que já tenham exaurido a graça da novidade (salvo se os livreiros estejam acariciando nossos ouvidos...). Mas que me bajulem com cortesia, conquanto encomendem nossos estudos com esta mentira. Adeus.

Ainda que o livro referido não seja inicialmente o livro epistolar – diria respeito a um discurso publicado e desconhecido hodiernamente –, é por demais sugestivo colocá-lo na segunda posição do primeiro livro epistolar, logo após uma carta que discorre sobre o início da empresa e a justificativa da composição epistolar. É importante observarmos, porém, que, na carta, o livro não está totalmente pronto, já está minimamente lapidado e digno de ser publicado, mas ainda em tempo de edição.

A carta é destinada a Arriano Maturo, que recebe diversas cartas ligadas a produções literárias e à política,<sup>10</sup> de quem nada sabemos fora do mundo epistolar pliniano. No mesmo passo analisado, o epistológrafo alerta seu destinatário de que nada teria escrito com tamanho ζήλω – dativo singular de ζήλος,<sup>11</sup> zelo – e o envia para o remetente a cuja avaliação ele mais confia, já que é aquele com quem Plínio mais fala sobre o tema. Dessa maneira, tal qual na primeira carta há um aviso sobre a ordem das cartas que eram mais bem escritas, agora temos a informação de que o livro fora produzido com cuidado.

Aqui já há o entendimento de dois segmentos que formam a coletânea: a carta e o livro epistolar. Dessa forma, enquanto a primeira carta fala do recolhimento de cartas e o objetivo de publicá-las, a segunda apresenta um livro em si, pronto para a publicação. Há uma sequência lógica e temporal entre o que as cartas noticiam. De uma forma geral, assim se dispõem: pedido de amigos para a publicação de uma obra epistolar, reunião do material, produção, correção do próprio autor, cessão para correção de terceiros, publicação.

Já no livro II, a primeira carta é endereçada a Vocônio Romano, um amigo de Plínio, de origem equestre, mas com uma



carreira política de certo brilhantismo, que o leva a ordem senatorial. A carta é, em verdade, uma extensa e bela homenagem a Vergínio Rufo, protetor de Plínio, que morrera à época:

1 *Post aliquot annos insigne atque etiam memorabile populi Romani oculis spectaculum exhibuit publicum funus Vergini Rufi, maximi et clarissimi civis, perinde felicitis. 2 Triginta annis gloriae suae superuixit; legit scripta de se carmina, legit historias et posteritati suae interfuit. Perfunctus est tertio consulatu, ut summum fastigium priuati hominis impleret, cum principis noluisset.*

[...]

1 2 *Volui tibi multa alia scribere, sed totus animus in hac una contemplatione defixus est. Verginium cogito, Verginium uideo, Verginium iam uanis imaginibus, recentibus tamen, audio, adloquor, teneo; cui fortasse ciues aliquos uirtutibus pares et habemus et habebimus, gloria neminem. Vale.*

1 Depois de muitos anos, as homenagens fúnebres públicas a Vergínio Rufo (magnífico, brilhante, mais ainda excelso cidadão romano) trouxe um memorável e incomparável espetáculo aos olhos do povo romano, não visto por muitos anos. 2 A sua glória sobreviveu por trinta anos, leu poemas escritos sobre si mesmo, leu histórias, assistiu seu próprio legado. Exerceu o consulado três vezes e, assim, atingiu o maior fastígio de um cidadão comum, já que não quis ser imperador.

[...]

1 2 Quero te escrever muitas outras coisas, mas meu espírito está inteiramente preso num único ponto: penso em Vergínio, vejo Vergínio, ouço, converso, tenho Vergínio em imagens vãs dele já mais velho. A ele talvez alguns cidadãos que temos e teremos sejam parelhos em virtude, porém é certo que nenhum em glória. Adeus.

Já a segunda carta do segundo livro é uma busca pela volta de comunicação epistolar com o amigo Valério Paulino, um patricio abastado:

*Irascor, nec liquet mihi an debeam, sed irascor. Scis quam sit amor iniquus interdum, impotens saepe, μωραίντος semper. Haec tamen causa magna est, nescio an iusta; sed ego, tamquam non minus iusta quam magna sit, grauiter irascor quod a te tam diu litterae nullae. 2 Exorare me potes uno modo, si nunc saltem plurimas et longissimas miseris. Haec*

*mibi sola excusatio uera, ceterae falsae uidebuntur. Non sum audīturus: “Non eram Romae” uel “Occupator eram”; illud enim nec di sinant, ut “infirmior”. Ipse ad uillam partim studiis partim desidia fruor, quorum utrumque ex otio nascitur. Vale.*

Irrito-me, nem sei se deveria, mas me irrita. Sabes como o amor pode ser iníquo vez ou outra, frequentemente incontrolável, mas sempre facilmente provocável. Esta é uma causa grandiosa, mas não sei se justa. Mesmo assim eu, ainda que a causa não seja menos justa do que grandiosa, irrita-me por demais, porque há muito não recebo cartas tuas. <sup>2</sup> Há uma forma para me acalmares: envies-me finalmente muitas cartas e que sejam muito longas. Esta é a única escusa verdadeira para mim, todas as outras me parecerão falsas. Eu não darei ouvidos a “eu não estava em Roma”, ou “eu estava muito ocupado”, e nem os deuses aceitarão algo como “eu estava muito doente”. Eu mesmo gozo parte de uma aplicação aos estudos, parte de uma inatividade em minha vila, sendo o ócio o berço de um e de outro. Adeus.

Enquanto a primeira carta é uma homenagem a alguém importante a Plínio e que morrera recentemente, a segunda é a busca pelo retorno da comunicação epistolar. Nessa ordem, o livro traz um prefácio laudatório, enquanto a abertura do livro epistolar em si novamente se faz na segunda carta, com a busca por cartas. Assim como no primeiro livro, a segunda carta faz um papel de apresentação do livro epistolar: a carta a Paulino Valério estabelece metaforicamente o desejo do autor pela retomada da troca de cartas, pela volta da produção epistolar. Dessa maneira, o livro segundo mantém a estrutura de uma carta funcionando como prefácio quase que externo e uma carta abrindo o livro de cartas de uma forma metafórica, com a diferença de que agora não se fala mais no livro, porém no processo comunicacional epistolar em si.

A carta que abre o livro terceiro é endereçada ao amigo Calvício Rufo, um equestre comerciante de Como, e disserta sobre a vida de Espurina, outro protetor de Plínio:

*1 Nescio an ullum iucundius tempus exegerim quam quo nuper apud Spurrinam fui, adeo quidem ut neminem magis in senectute, si modo senescere datum est, aemulari uelim; nihil est enim illo uitae genere*

*distinctius. 2 Me autem ut certus siderum cursus, ita uita hominum disposita delectat, senum praesertim.*

[...]

12 [...]. *Igitur eundem mihi cursum, eundem terminum statuo, idque iam nunc apud te subsigno ut, si me longius euebi uideris, in ius noces ad banc epistulam meam et quiescere tibeas cum inertiae crimen effugero. Vale.*

1 Não sei se poderia gastar algum tempo mais agradável que este que recentemente tive na companhia de Espurina, de tal forma que não desejo ser como mais ninguém na velhice, se é que me será permitido envelhecer. Nada, de fato, é mais distinto naquele tipo de vida: 2 como o curso correto dos astros, agrada-me uma vida ordenada aos homens, principalmente aos velhos.

[...]

12 [...] Portanto estabeleço este mesmo curso para mim, este mesmo final de vida e isso já registro junto a ti, e se vires eu estar sendo levado para longe desse caminho, mostre-me esta carta minha e ordenes o pagamento dessas promessas, quando eu tiver fugido do crime da inércia. Adeus.

Já a segunda é destinada a Víbio Máximo, um equestre com fortes laços em variados círculos literários:

*1 Quod ipse amicis tuis obtulissem, si mihi eadem materia suppeteret, id nunc iure uideor a te meis petiturus. 2 Arrianus Maturus Altinatium est princeps; cum dico princeps, non de facultatibus loquor, quae illi large supersunt, sed de castitate, iustitia, gravitate, prudentia. 3 Huius ego consilio in negotiis, iudicio in studiis utor; nam plurimum fide, plurimum veritate, plurimum intellegentia praestat. 4 Amat me, nihil possum ardentius dicere, ut tu. Caret ambitu; ideo se in equestri gradu tenuit, cum facile possit adscendere altissimum. Mibi tamen ornandus excolendusque est. 5 Itaque magni aestimo dignitati eius aliquid adstruere inopinantis, nescientis, immo etiam fortasse nolentis, adstruere autem quod sit splendidum nec molestum; 6 cuius generis quae prima occasio tibi, conferas in eum rogo; habebis me, habebis ipsum gratissimum debitorem. Quamuis enim ista non adpetat, tam grate tamen excipit, quam si concupiscat. Vale.*

1 Parece-me correto agora pedir a ti o que eu mesmo concederia a teus amigos, se o mesmo fosse requisitado a mim. 2 Arriano Maturo é um dos mais elevados<sup>12</sup> cidadãos de Altino – quando digo mais elevados, não falo de riquezas, as

quais sobram para ele, mas um dos mais elevados em pureza, justiça, seriedade, prudência. 3 Eu me sirvo dos conselhos dele nos negócios, em seu discernimento para a arte literária, pois ele se diferencia muito pela confiabilidade, pela sinceridade e pela inteligência. 4 Ele me ama como tu (nada mais profundo posso dizer). Falta-lhe ambição: por isso, ele se manteve na ordem equestre, ainda que possa facilmente ascender à mais alta ordem. Para mim, todavia, ele deve ser exaltado e venerado. 5 E cogito acrescentar algo a grande moral dele sem ele saber ou querer, talvez ele até não queira, mas acrescentar algo que seja esplêndido e não prejudicial. 6 Na primeira oportunidade deste tipo que tiveres, concedas o que eu peço: terás a mim e terás a ele mesmo como um devedor muito grato. Ainda que, de fato, não busque estas honras, tão gratamente aceita, como se as cobiçasse. Adeus.

A primeira carta mantém a estrutura de prefácio em homenagem a alguém, dessa vez, alguém vivo: o amigo e protetor já idoso, Espurina. Além disso, o destinatário da carta é Calvício Rufo, equestre de Como, mesma cidade de Plínio, e a última carta do livro anterior é a ele, o que liga o final do livro II ao começo do livro III. A segunda, porém, chama a atenção, pois não se trata de nenhum tipo de metáfora clara e de fácil entendimento sobre literatura ou erudição. Trata-se de uma carta de apresentação e louvor a um amigo, Arriano Maturo, sem explicitar, contudo, o que se deseja com a apresentação. O que podemos atestar da carta a Víbio Máximo é: 1) o destinatário tem grande renome literário, o que traz peso à obra de Plínio; 2) não há explicitação do que é pedido em nome de Arriano; 3) Plínio dá a entender que tudo o que ele elogia em Arriano pode ser percebido nele também. De certa forma, ao indicar o louvável amigo como alguém adequado para receber favores e ser considerado digno de confiança, ele próprio se coloca na mesma posição,<sup>15</sup> além de se promover a alguém que pode pagar de volta todos os favores, alguém poderoso. Outra hipótese é a requisição de obras epistolares, bem menos provável ou direta.

Passando para o livro quarto, a primeira carta é endereçada ao sogro, Calpúrnio Fabato, e trata da necessidade de Plínio voltar a Roma e o porquê do atraso no retorno para a Grande Urbe:

1 *Cupis post longum tempus neptem tuam meque una uidere. Gratum est utrique nostrum quod cupis, mutuo mebercule.* 2 *Nam inuicem nos incredibili quodam desiderio uestri tenemur, quod non ultra differemus; atque adeo iam sarcinulas adligamus festinaturi, quantum itineris ratio permiserit.* 3 *Erit una sed breuis mora: deflectemus in Tuscos, non ut agros remque familiarem oculis subiciamus (id enim postponi potest), sed ut fungamur necessario officio.*

[...]

7 *Contingat modo te filiamque tuam fortes inuenire! Nam continget hilares, si nos incolumes receperitis. Vale.*

1 Desejas depois de muito tempo ver a mim e a tua neta numa mesma oportunidade. Alegramo-nos nós dois com teu desejo e, por Hércules, ele é mútuo! 2 Pois nós, de maneira igual, somos tomados de um desejo inacreditável de estar contigo, e por isso não muito mais adiaremos. Por isso, estamos a nos apressar o quanto o trajeto permitir, até mesmo já fazendo as malas. 3 Haverá um contratempo, mas breve: faremos uma parada na Etrúria, não para que lancemos os olhos nos campos e nas propriedades da minha família (isso, de fato, pode ser deixado para depois), mas para cumpramos um dever necessário.

[...]

7 Que encontremos a ti e a tua filha fortes! Pois acontecerá de estares muito feliz, se chegarmos a salvo. Adeus.

A segunda, endereçada ao amigo Ácio Clemente, de quem conhecemos apenas o gosto por obras literárias, disserta sobre a reação de Régulo, maior desafeto pliniano tanto na política quanto na vida pessoal, sobre a morte de seu filho e um possível casamento:

1 *Regulus filium amisit, hoc uno malo indignus, quod nescio an malum putet. Erat puer acris ingenii, sed ambiguus, qui tamen posset recta sectari, si patrem non referret.* 2 *Hunc Regulus emancipauit, ut heres matris exsisteret; mancipatum (ita uulgo ex moribus hominis loquebantur) foeda et insolita parentibus indulgentiae simulatione captabat.*

[...]

7 *Audies breui nuptias lugentis, nuptias senis; quorum alterum immaturum, alterum seruum est. Vnde hoc augurer quaeris.* 8 *Non quia adfirmat ipse, quo mendacius nihil est, sed quia certum est Regulum esse facturum quidquid fieri non oportet. Vale.*

1 Régulo perdeu o filho, o único mal que ele não merece, e até mesmo não sei se ele realmente julga isso ser um ruim. Era um menino de talento agudo, mas vacilante, que, todavia, poderia perseguir as coisas corretas, se não se espelhasse no pai. 2 Régulo o emancipou, para que ele pudesse receber a herança materna: emancipado o garoto, Régulo o cooptava através de uma simulação horrenda e insólita de bondade paterna (assim entre povo se falava sobre seus costumes enquanto pai).

[...]

7 Ouvirás em breve das núpcias chorosas, núpcias senis – das quais para ela será muito cedo, para ele muito tarde. Onde eu previ isso, queres saber? Não porque ele próprio afirma, pois nada é mais mentiroso, mas porque é certo que Régulo faz aquilo que não convém ser feito. Adeus.

De certa forma, a morte do filho só traz à tona o comportamento insano de Régulo, que deve ser contestado e denunciado a todo momento, como percebemos através das cartas de Plínio. Todavia, ao contrário das anteriores, essa carta não traz informações sobre onde Plínio está, se em Roma ou fora, nem sobre a localização do destinatário. As poucas passagens nas quais podemos atestar o uso da segunda pessoa verbal e o foco no relato da reação de Régulo indicam uma carta com poucos elementos epistolares e uma proximidade de relatos e análises filosófico-comportamentais. O livro então parece começar com Plínio ausente e se glorificando enquanto patrono de uma cidade na Etrúria, logo passando a uma crítica ao seu mais detestável inimigo. A dualidade proposta tanto aumenta o célebre filho de Como, quanto rebaixa seu maior inimigo, Régulo.

Já a introdução do livro V é uma carta endereçada a um procurador de Plínio em sua cidade natal, Ânio Severo. Em tal carta ele expõe o orgulho de um comportamento correto e moral no caso de uma herança:

*Legatum mihi obuenit modicum sed amplissimo gratius. Cur amplissimo gratius? Pomponia Galla exheredato filio Asudio Curiano heredem reliquerat me, dederat coheredes Sertorium Senerum, praetorium uirum, aliosque splendor equites Romanos. 2 Curianus orabat ut sibi donarem portionem meam seque praeiudicio iunarem; eandem tacita*

*conuentione saluam mihi pollicebatur. 3 Respondebam non conuenire moribus meis aliud palam, aliud agere secreto; praeterea non esse satis honestum donare et locupleti et orbo; in summa non profuturum ei si donassem, profuturum si cessissem, esse autem me paratum cedere, si iniique exheredatum mihi liqueret.*

[...]

*12 Haec tibi scripsi, quia de omnibus quae me uel delectant uel angunt non aliter tecum quam mecum loqui soleo, deinde quod durum existimabam te amantissimum mei fraudare uoluptate quam ipse capiebam. 13 Neque enim sum tam sapiens ut nihil mea intersit, an iis quae honeste fecisse me credo testificatio quaedam et quasi praemium accedat. Vale.*

Coube a mim uma herança modesta, por sorte, mas me é mais grata do que grandiosa. Por que mais grato do que grandiosa? Pompônia Gala deserdera seu filho, Asúdio Curiano, e deixou a mim como herdeiro, e deu como coerdeiros Sertório Severo, um pretoriano, e outros ilustres cavaleiros romanos. 2 Curiano me pediu para dar minha parte da herança a ele e para o ajudar com um prognóstico. Ele me prometeu que, por meio de um acordo tácito, minha parte estaria guardada. 3 Eu respondi que não estava de acordo com meus ideais adotar uma posição em público e uma em segredo; além disso, não é realmente honesto doar dinheiro a alguém tanto sem filhos, quanto já rico – em suma, não seria proveitoso a ele se eu doasse o dinheiro a ele, bem como seria vantajoso para mim renunciar à herança, se ficasse claro para mim que ele teria sido injustamente deserddado.

[...]

12 Escrevi a ti estas coisas porque é me é natural abrir contigo tudo o que me causa prazer ou dor, é como refletir comigo mesmo. Ademais, consideraria demasiado duro te privar do prazer que eu estava sentindo, já que me amas tanto. 13 E eu não sou tão sábio a ponto de eu ficar indiferente perante minhas ações, nas quais eu acredito ter agido verdadeiramente com honestidade, e teriam chegado a meus ouvidos alguns elogios públicos, como se fossem conquistas. Adeus.

Apenas em poucas passagens temos a dialogia comum à obra epistolar de Plínio, a dicotomia “eu-tu”, sendo essa carta em grande parte um monólogo laudatório a si mesmo. Não há indicativos de conversas anteriores, de busca por informações

sobre o referido caso. Em suma, Plínio abre o livro V com uma homenagem a si mesmo de forma praticamente monológica.

Já a segunda carta do livro V é endereçada a Calpúrnio Flaco, senador consular, amigo de seu tio:

*Accepi pulcherrimos turdos, cum quibus parem calculum ponere nec urbis copiis ex Laurentino nec maris tam turbidis tempestatibus possum. 2 Recipies ergo epistulas steriles et simpliciter ingratas ac ne illam quidem sollertiam Diomedis in permutando munere imitantis, sed, quae facilitas tua, hoc magis dabis ueniam, quod se non mereri fatentur. Vale.*

Recebi belíssimos peixes-tordos, aos quais não posso retribuir com mesmo valor usando as riquezas de minha propriedade em Laurentino, seja do vilarejo, seja do mar, tão agitado por tempestades. Receberás, portanto, cartas vazias e simplesmente ingratas, mas que não estão imitando aquele artil de Diomedes ao trocar um presente. Sei, todavia, da existência daquela tua complacência, darás teu perdão, ainda mais sabendo as cartas confessam não serem merecedoras. Adeus.

A exemplo dos livros I e II, temos aqui uma metáfora que traz a ideia de apresentação dos livros epistolares. Talvez fazendo uso de uma falsa modéstia, muito comum entre os poetas, Plínio diz que oferece cartas que não correspondem ao valor dos presentes do amigo, o que pode também ser estendido a presentes e elogios que os livros anteriores podem ter recebido. Dessa forma, enquanto a primeira é um elogio a si mesmo, com a informação de que Plínio está em Roma, a segunda é uma apresentação metaepistolar do livro.

Passando ao livro VI, a primeira carta é destinada a Caléstrio Tiro, amigo de Plínio e companheiro de questura e pretura, acerca dos desencontros de ambos, já que suas movimentações pela península itálica não coincidem:

*Quam diu ego trans Padum, tu in Piceno, minus te requirebam ; postquam ego in urbe, tu adhuc in Piceno, multo magis ; seu quod ipsa loca in quibus esse una solemus acrius me tui commonent, seu quod, desiderium absentium nihil perinde ac uicinitas acuit quoque propius*



*accesseris ad spem fruendi, hoc impatientius careas. 2 Quidquid in causa, eripe me huic tormento; ueni, aut ego illuc unde inconsulte properavi reuertar uel ob hoc solum, ut experiar an mihi, cum sine me Romae coeperis esse, similes his epistulas mittas. Vale.*

Por muito tempo, enquanto eu estava na Gália Cisalpina, tu estavas em Piceno, eu não sentia muito tua falta. Depois que cheguei à Capital, e tu ainda em Piceno, sinto muito mais tua falta. Ou é porque os mesmos lugares nos quais costumamos estar juntos me fazem lembrar de ti, ou porque nada como a proximidade aguça mais a saudade dos que estão ausentes, como se ao chegar mais perto da expectativa de desfrutar de algo, mais impacientemente tu careces disso. 2 Faça algo sobre isso, arranca-me desta tormenta. Venha ou eu voltarei para onde acabei de sair com pressa. Somente por essa única razão eu testarei se me mandarias cartas semelhantes a estas quando chegares a Roma na minha ausência. Adeus.

Essa carta expõe a volta de Plínio a Roma e a necessidade de comunicação epistolar entre amigos distantes. Já a segunda carta do livro sexto é destinada a Arriano Maturo, destinatário da já referida carta 1.2. Essa, porém, fala da morte de Régulo, como dissemos, maior adversário e desafeto de Plínio, que, ao contrário do que poderia se esperar, apresenta uma visão moderada e estoica tanto sobre a morte, quanto sobre o inimigo:

*1 Soleo non numquam in iudiciis quaerere M. Regulum; nolo enim dicere desiderare. 2 Cur ergo quaero? Habebat studiis honorem, timebat, pallebat, scribebat, quamuis non posset ediscere. Illud ipsum, quod oculum modo dextrum, modo sinistrum circumlinebat, dextrum si a petitore, alterum si a possessore esset acturus, quod candidum splenium in hoc aut in illud supercilium transferebat, quod semper haruspices consulebat de actionis euentu, a nimia superstitione sed tamen et a magno studiorum honore ueniebat.*

[...]

*10 Nunc respiciamus domos nostras. Ecquid omnia in tua recte? In mea noui nihil. Mibi autem et gratiora sunt bona quod perseuerant, et leniora incommoda quod adsueni. Vale.*

1 Por vezes costume procurar Marcos Régulo durante julgamentos – não quero dizer que sinto sua falta. 2 Então por que eu o procuro? Ele tinha valor nos estudos, ele ficava apreensivo, empalidecia-se, escrevia, já que não podia

memorizar. Também delineava os olhos, ora o direito, ora o esquerdo (o direito quando estaria pleiteando pela acusação, o esquerdo quando pela defesa). Ele transferia um adereço branco de uma sobrancelha para a outra, sempre consultava os auspícios sobre os acontecimentos de uma causa – tudo isso vinha de uma excessiva superstição, mas também de um grande repeito que ele tinha para com o maior dos estudos, a retórica.

[...]

10 Agora, voltemos os olhos para os assuntos domésticos. Está tudo bem em tuas casas? Nas minhas não há nada de novo, mas as coisas boas me são mais gratas porque continuam, e as ruins estão mais leves, porque estou me acostumando a elas. Adeus.

Mesmo o tema inicial sendo Régulo, Plínio rapidamente o esquece e termina a carta como se nada tivesse acontecido, perguntando sobre amenidades. A carta indica que a morte de Régulo trouxe algum sentimento, ainda que moderado, de pesar por conta de sua capacidade retórica e de seu papel bem desempenhado como advogado, mas que tal sentimento logo se desfaz num elogio a si, à atitude de Plínio, que equivale ao dos antigos e mais excelsos romanos.

Assim, enquanto a primeira traz uma ideia puramente epistolar de retorno a Roma e à comunicação por cartas, a segunda serve, ainda que pouco, como autoelogio e a notícia do falecimento do principal inimigo de Plínio, figura frequente nas cartas, que, por sua morte, ganha algum afago do epistológrafo: elogio às atitudes úteis, bem como a posição de destaque da carta. Poder-se-ia, então, cogitar que as cartas deveriam ser invertidas, sendo que até então as laudatórias são as iniciais, enquanto a segunda é que propõe o retorno de Plínio e a comunicação epistolar. Cabe, todavia, lembrarmos que o elogio é ao maior desafeto do autor das cartas, dando-lhe o destaque que seus amigos, protetores, sogro receberam, o que seria incabível. Logo, parece-nos que o epistológrafo fez a devida permuta das primeiras cartas do livro, mas mantendo dentro do esquema as mesmas informações, apenas invertidas.

A abertura do livro sétimo se faz com uma carta a Rosiano Gemino, jovem protegido de Plínio, e indica que o amigo está doente e Plínio ausente de Roma, bem como propõe o epistológrafo como modelo de autocontrole e consistência a ser seguido:

*Terret me haec tua tam pertinax ualetudo, et quamquam te temperantissimum nouerim, uereor tamen ne quid illi etiam in mores tuos liceat. 2 Proinde moneo patienter resistas: hoc laudabile, hoc salutare. Admittit humana natura quod suadeo. 3 Ipse certe sic agere sanus cum meis soleo: "Spero quidem, si forte in aduersam ualetudinem incidero, nihil me desideraturum uel pudore uel paenitentia dignum; si tamen superauerit morbus, denuntio ne quid mihi detis nisi permittentibus medicis, sciatisque, si dederitis, ita uindicaturum, ut solent alii quae negantur". [...] 7 Quae tibi scripsi, primum ut te non sine exemplo monerem, deinde ut in posterum ipse ad eandem temperantiam adstringerer, cum me hac epistula quasi pignore obligauissem. Vale.*

Espanta-me esta tua doença pertinaz e, ainda que de longa data eu já saiba que tu és extremamente moderado, temo que algo relativo à doença se enraíze em tua rotina. 2 Por isso eu aconselho a resistir pacientemente: isso é louvável, isso é saudável; e é da natureza humana isso que eu aconselho. 3 Eu mesmo, são, sem hesitação costumo tomar algumas medidas com meus escravos: "espero que eu não deseje algo passível de crítica ou vergonha, se por acaso eu for acometido por alguma doença, porém se uma enfermidade tiver me sobrepujado, deixo o aviso, não me deem nada além do que for permitido pelos médicos na ocasião, e saibas que se ministráreis, aí serei vingado na justiça, como costumam outros quando lhes é negado algo".

[...]

7 Escrevo-te estas coisas primeiro para que te aconselhe não sem exemplo; depois para que no futuro eu me algeme a esta mesma moderação, uma vez que estaria me obrigando a isto por meio desta carta, como se fosse uma hipoteca. Adeus.

Essa carta faz um louvor a Plínio, sua temperança, respeito para com os médicos e contemplação de seu autocontrole. Esse tipo de sobriedade estoica que o epistológrafo constrói para si é tema recorrente em toda a obra, inclusive o maior exemplo de toda

a coletânea é a carta VI.16, sobre a morte de seu tio aos pés do Vesúvio, na qual a imagem de Plínio, o Velho, assemelha-se muito àquela do Catão de Lucano, na Farsália. Ao fim, sobre a doença de Gemino pouco sabemos e menos ainda Plínio parece se importar com ela, já que a maior parte da carta é sobre o próprio autor.

A carta seguinte torna a abordar a recepção de cartas, essa endereçada a Fábio Justo, patrício que aparece em outras obras da época, inclusive no *Dialógo dos oradores*, de Tácito:

*Quemadmodum congruit ut simul et adfirmes te adsiduis occupationibus impediri et scripta nostra desideres, quae nix ab otiosis impetrare aliquid perituri temporis possunt? 2 Patiar ergo aestatem inquietam uobis exercitamque transcurrere, et hieme demum, cum credibile erit noctibus saltem uacare te posse, quaeram quid potissimum ex nugis meis tibi exhibeam. 3 Interim abunde est si epistulae non sunt molestae; sunt autem, et ideo breuiore erunt. Vale.*

Como é possível que simultaneamente afirmes estar impedido por ocupações frequentes e desejes nossos escritos, que mal podem conseguir dos que estão no ócio algum tempo para ser perdido? 2 Deixarei, portanto, passar o verão, estação agitada e de muito trabalho para ti, e no inverno, quando finalmente será mais provável que tu estejas desocupado, ao menos à noite, procurarei algo, preferencialmente de minhas nugas, e te mostrarei. 3 Neste entremeio é mais que suficiente que as cartas não sejam prejudiciais: são e serão ainda mais breves. Adeus.

Essa carta retorna, então, à questão da comunicação epistolar, que estava parada não por ausência, mas por ser mais aconselhável a um período e não a outro, uma vez que os deveres públicos são a prioridade. Novamente, se analisada isoladamente, a carta parece falar apenas de um momento futuro, porém, dentro do livro epistolar, ela pode ser interpretada como um anúncio que esse momento futuro já seria o presente.

Assim, enquanto a primeira carta fala das qualidades de Plínio e da recuperação de uma doença, a segunda trata dos períodos devidos para a leitura de cartas, que exigem alguma dedicação. Efetivamente, a recuperação da saúde permite a alguém se dedicar aos estudos e à leitura, o que pode não ser aconselhável

durante o período de doença. Dessa forma, além dos papéis esperados das cartas, elas modificam seus sentidos entre si.

Seguindo a ordem dos livros, o primeiro destinatário do livro oitavo é novamente Setício Claro, o mesmo que abre a coleção, com uma carta que trata da doença de um escravo muito querido a Plínio, um escravo muito estudado e leitor de comédias. Mais ainda, atestamos que novamente Plínio está ausente de Roma:

*Iter commode explicui, excepto quod quidam ex meis aduersam ualeitudinem feruentissimis aestibus contraxerunt. 2 Encolpius quidem lector, ille seria nostra, ille deliciae, exasperatis faucibus puluere sanguinem reiecit. Quam triste hoc ipsi, quam acerbum mihi, si is cui omnis ex studiis gratia inhabilis studiis fuerit! Quis deinde libellos meos sic leget, sic amabit? Quem aures meae sic sequentur? 3 Sed di laetiora promittunt. Stetit sanguis, resedit dolor. Praeterea continens ipse, nos solliciti, medici diligentes. Ad hoc salubritas caeli, secessus, quies tantum salutis quantum otii pollicentur. Vale.*

Eu percorri o caminho tranquilamente, salvo que um dos meus escravos contraiu uma doença, tendo febres altíssimas. 2 De fato, meu leitor pessoal, Encólpio, ele, que está comigo nos assuntos sérios e nos assuntos jocosos, tossiu sangue quando a poeira irritou sua garganta. É tão triste a ele quanto é doloroso para mim, se ele, que tem o domínio de toda a literatura, tiver perdido as habilidades para ler. Quem, então, lerá e amará meus livros? A quem, então, meus ouvidos seguirão? 3 Mas os deuses prometem algo mais feliz: parou o sangramento, regrediu a dor. Mais ainda, ele se controla bem, nós estamos atentos, os médicos são diligentes. Soma-se a isso o clima salutar, o descanso e afastamento das atividades que prometem tanto a recuperação, quanto o aproveitamento do ócio. Adeus.

Nessa carta, Plínio retoma o assunto da carta anterior, a última do livro VII, uma doença de alguém querido. De mesma sorte, é a mesma temática da primeira carta do livro anterior. Porém, agora sem elogios diretos a si – que podem ser levantados indiretamente por conta de seu comportamento humano e bondoso para com seu escravo, além das posses extensas que permitem ele ter um escravo tão bem treinado –, a carta fala também da incapacidade de leitura de obras, ou seja, justifica

porque Plínio não estaria se dedicando aos estudos nesse período: a falta de um especialista em leitura.

Já a segunda carta do mesmo livro é endereçada a Calvíscio Rufo, que abre o livro terceiro, e trata sobre vendas de terra que Plínio fez em Como a um preço menor do que o devido, de forma a aumentar a riqueza de seus conterrâneos:

*1 Alii in praedia sua proficiscuntur ut locupletiores reuertantur, ego ut pauperior. Vendideram uindemias certatim negotiatoribus ementibus. Inuitabat pretium, et quod tunc et quod fore uidebatur. 2 Spes fefellit. Erat expeditum omnibus remittere aequaliter, sed non satis aequum. Mihi autem egregium in primis uidetur ut foris ita domi, ut in magnis ita in paruis, ut in alienis ita in suis agitare iustitiam.*

[...]

8 Magno mihi seu ratio haec seu facilitas stetit, sed fuit tanti. Nam regione tota et nouitas remissionis et forma laudatur. Ex ipsis etiam quos non una, ut dicitur, pertica sed distincte gradatimque tractaui, quanto quis melior et probior, tanto mihi obligatior abiit, expertus non esse apud me ἐν δὲ ἡ τὴν ἡμῶν κακός ἤδὲ καὶ ἐσθλός.<sup>14</sup> Vale.

1 Alguns visitam suas terras natais para voltarem mais ricos, eu para voltar mais pobre. Eu vendi minha plantação de uvas a comerciantes que vieram comprá-la. O preço era convidativo (assim parecia antes e depois da compra), 2 mas a expectativa deles se desfez: era vantajoso recambiar o valor proposto a todos de forma igualitária, mas não suficientemente igualitário. Parece-me ser melhor praticar a justiça em casa como se faz fora de casa, para com os grandes e para com os pequenos, para com os desconhecidos como para com os conhecidos.

[...]

8 Este tipo de cálculo, ou de facilidade, custou-me muito, mas valeu demais, pois a novidade e a forma da compra estão sendo louvadas por toda a região. Também, partiu melhor e mais probo cada um daqueles compradores, os quais, não com uma única régua, como dizem, mas com distinção e gradação eu tratei, e mais endividado moralmente para comigo, além de terem aprendido que não há comigo aquele dito “os criminosos e os honrados são igualmente respeitados”. Adeus.

A carta apresenta novamente um louvor a Plínio, bem como podemos perceber sua ausência na Urbe. Plínio propõe a imagem de alguém riquíssimo com muitas terras e que, de certa forma, ajuda e recompensa aos trabalhadores e bons pagadores de sua região. Além disso, há a imagem de alguém desapegado de fortunas e propriedades. A não soberba e a justiça minuciosa são traços muito repetidos na imagem que Plínio pinta de si. Além disso, superados os processos de compra e venda, o epistológrafo pode voltar às suas atividades normais.

Passando ao último livro da coletânea como a entendemos, a primeira carta é a Máximo, destinatário de quem não se tem certeza sobre sua identidade, e trata da publicação de livros:

*1 Saepe te monui ut libros quos uel pro te, uel in Plantam, immo et pro te et in illum (ita enim materia cogebat) composuisti quam maturissime emitteres; quod nunc praecipue morte eius audita et hortor et moneo. 2 [...] 4 Nam quod de uiuente scriptum, de uiuente recitatum est, in defunctum quoque tamquam uiuentem adhuc editur, si editur statim. Igitur si quid aliud in manibus, interim differ; hoc perface, quod nobis qui legimus olim absolutum uidetur. Sed iam uideatur et tibi, cuius cunctationem nec res ipsa desiderat, et temporis ratio praecidit. Vale.*

1 Com frequência te adverti a publicar, já com muito atraso, os livros que compuseste ou a teu favor, ou contra Planta – em verdade são todos a teu favor e contra Planta, como assim o assunto obrigava. Pois agora te exorto e aconselho a publicar principalmente por ser conhecida a morte dele. 2 [...] 4 Pois o que foi escrito sobre alguém vivo, o que se recita sobre alguém vivo, da mesma forma, como se ele ainda estivesse vivo é publicado após sua morte, se prontamente for publicado. Portanto, se há outro livro em tuas mãos, deixe-o de lado prontamente. Termine esse contra Planta, que lemos há algum tempo e já parecia perfeito. Que te pareça pronto, cujo atraso o tema em si não procura, e a razão do tempo apressa. Adeus.

A carta acima mostra uma aplicação necessária para publicar o quanto antes, ainda que não seja de Plínio. Olhando a carta de forma isolada, ela dialoga brevemente com aquela sobre a morte de Régulo, carta que deve ter sido lançada pouco depois da morte do grande desafeto, para que Plínio não fosse acusado de

fazer fama sobre a morte de alguém que já se foi e já teria passado o momento lúgubre para falar do defunto.<sup>15</sup> Nessa esteira, Plínio retoma cartas anteriores em diversos níveis, mas principalmente na urgência em publicar.

Já a segunda carta, endereçada a Sabino, de identidade também duvidosa, relata as influências epistolares que Plínio não teria seguido em suas cartas e o motivo da rejeição:

*Facis iucunde quod non solum plurimas epistulas meas, uerum etiam longissimas flagitas; in quibus parcior fui, partim quia tuas occupationes uerebar, partim quia ipse multum distringebar plerumque frigidis negotiis quae simul et auocant animum et comminuunt. Praeterea nec materia plura scribendi dabatur. 2 Neque enim eadem nostra condicio quae M. Tulli, ad cuius exemplum nos uocas. Illi enim et copiosissimum ingenium et par ingenio qua uarietas rerum, qua magnitudo largissime suppetebat; 3 nos quam angustis terminis claudamur etiam tacente me perspicis, nisi forte uolumus scholasticas tibi atque, ut ita dicam, umbraticas litteras mittere. 4 Sed nihil minus aptum arbitramur, cum arma uestra, cum castra, cum denique cornua, tubas, sudorem, puluerem, soles cogitamus. 5 Habes, ut puto, iustam excusationem, quam tamen dubito an tibi probari uelim. Est enim summi amoris negare ueniam breuibus epistulis amicorum, quamuis scias illis constare rationem. Vale.*

Afagas muito meu ego, pois imploras não somente por muitas cartas, mas que também sejam muito longas. Nas últimas cartas fui mais sucinto porque temia atrapalhar tuas ocupações, também porque eu mesmo estava muito ocupado maior parte do tempo por negócios estéreis, que ao mesmo tempo desviam e estilham o ânimo. Além disso, não me era oferecida muita matéria para escrever. 2 Minha condição não é a mesma daquela de Marco Túlio, a cujo exemplo tu nos remetes. Ele tinha um talento muito rico e estava à disposição desse talento uma tão grande variedade de assuntos e uma abundância muito extensa. 3 Podes perceber que estamos cercados por limites estreitos, até mesmo por seu silêncio, salvo se quisermos enviar a ti cartas filosóficas ou até mesmo, como assim chamarei, a serem compostas nas sombras de uma escola. 4 Mas julgamos nada ser menos apto quando pensamos nas tuas armas, no acampamento, enfim, nos chifres de sopro, nas tubas, no suor empoeirado, no sol. 5 Acredito que tens uma justa desculpa, a qual, todavia, eu duvido e não gostaria que fosse aceita por ti. Sem dúvida



consta no mais alto amor negar as desculpas em breves cartas de amigos, ainda que saibas constar nelas alguma razão. Adeus.

Assim, o último livro de Plínio começa com duas cartas que falam sobre a necessidade de publicar livros e sobre enviar cartas, o que no caso dos livros epistolares se confunde. Se analisarmos o que o epistológrafo propõe, levando em consideração as posições dessas cartas, podemos inferir que Plínio desejou publicar o mais rapidamente possível um livro de cartas, que por sua vez são breves para se adequarem à realidade dele, uma vida de inatividade literária e descanso dos afazeres públicos, apesar de ser um livro rico e variado, com anedotas, causas jurídicas, relações políticas, fatos históricos e muitos outros temas. Vale lembrar que esse é o livro com mais cartas, a maioria curta, bem como é o último livro.<sup>16</sup>

Tendo conhecimento das duas primeiras cartas de cada livro, há pelo menos duas formas de as ler: 1) a primeira carta de forma isolada, como uma carta externa de apresentação, um prefácio laudatório, sendo a segunda carta a introdução interna do livro, ao passo que as duas cartas funcionam em conjunto e se comunicam com outras cartas nas mesmas posições nos livros anteriores e posteriores; 2) as duas cartas iniciais de forma independente do restante da coletânea e do livro em que se encontram, mas interdependentes entre si.

Seguindo a primeira proposta de leitura, nós podemos apontar na posição primeira homenagens a protetores dos livros II e III; louvores a si dos livros IV, V, VII e VIII; incentivo à publicação de livros do livro IX; e a informação do retorno a Roma do livro VI. Em relação à segunda carta, observamos pedidos por mais cartas nos livros II, V, VII e IX; louvores e críticas a Régulo nos livros IV, VI; além do elogio a si nos livros III e VIII. Excetua-se a essa leitura o livro primeiro, já que as duas primeiras cartas dizem respeito à empresa de produção literária, justificando e orientando a leitura da obra que se seguirá a partir dali.

Num segundo momento, então, lemos as ligações entre os livros. Em relação à carta primeira, temos quatro pares e um livro

solto: I-IX, II-III, IV-V, VII-VIII, e o livro solto, VI. Já em relação à carta segunda, temos um quarteto e dois pares, um de críticas ao maior desafeto e um de elogios diretos e indiretos a si. Dessa forma, enquanto a primeira carta tende a formar pares seguidos de livros – considerando o I e IX como pontas ligadas, formando um círculo –, a segunda carta indica pares intercalados, salvo o par I-IX, que novamente está ligado. Isso por si só já favorece a ideia de uma unidade circular da obra, bem como propõe leituras e releituras para que se chegue a novos sentidos em cada carta.

Partindo, então, para a segunda leitura, temos um cenário distinto, ainda assim, ligado ao anterior. A primeira carta, nessa proposta, modifica o significado da segunda, que por sua vez ressignifica a primeira, num movimento cíclico. Ainda que, na carta 2 do livro I, Plínio não esteja falando sobre sua coletânea epistolar, o conteúdo da carta anterior, a primeira, sugere tal possibilidade para a segunda carta, que por sua vez aponta para estilos e necessidade de revisão para uma tarefa que não se resume a juntar algo já composto. Não obstante, quando a segunda carta diz respeito à ausência de comunicação e distância, a primeira carta trata de doença ou morte, direta ou indiretamente. Isso nos leva a entender que Plínio estava fora de Roma e dos afazeres literários por motivo de força maior, que o impediam de continuar o livro anterior, mas que, a partir daquele momento, a empresa estaria retomada. Tomemos como exemplo o livro VII, no qual a primeira trata de uma doença de um amigo, o que certamente lhe impediria de desempenhar todas as suas tarefas, ao passo que a segunda carta traz Plínio pedindo mais cartas de um amigo que estaria impedido por motivos de força maior. Ainda que sejam dois destinatários distintos, o conteúdo das cartas se complementa entre si, quando lidas e relidas em conjunto.

Quando a segunda carta é de elogio ou crítica, a primeira é um elogio. Nisso se enquadra, por exemplo, o livro VIII, havendo na segunda carta um elogio a Plínio, pois a primeira também fala de sua temperança, humanidade, compaixão e bom comportamento. Quando há elogio a si e a Arriano, a carta anterior é um elogio a Espurina; quando há crítica a Régulo na carta sobre a morte de seu filho, livro IV, a primeira é um louvor a

si. A grande exceção é o livro VI, na qual temos como segunda carta, a morte de Régulo, tanto um elogio, quanto uma crítica. Em verdade, a carta da morte de Régulo deveria, por lógica, estar na primeira posição, porque todas as cartas sobre mortes estão na primeira posição. Como dissemos, provavelmente nesse caso, Plínio evitou a primeira posição para não dar uma posição de destaque em sua obra a um desafeto. Mais ainda, ao fazer isso coloca em primeiro lugar uma carta que tem como tema o retorno de Plínio a Roma, um tema que normalmente se percebe nas cartas que ocupam a segunda posição.

Diversas circulações temáticas permeiam a obra, como narrativas sobre fatos históricos, cartas de cunho pedagógico, jurídico, literário-poético, político, entre vários outros, mas apenas dois temas aparecem nas duas primeiras cartas de cada livro: louvores e críticas, e uma busca por retomada da comunicação e retorno às atividades. De mesma sorte, os seus destinatários nunca se repetem entre as duas cartas de um mesmo livro (o que ocorre na parte interna dos livros), ainda que no livro VIII ambos os destinatários já tenham sido agraciados com a posição de primeira carta, do livro I e III, respectivamente. Assim, por mais diferentes que sejam os livros e os destinatários, há uma manutenção frequente de como abrir cada um dos *uolumina*.

Isso nos leva a dois entendimentos: 1) regularmente há um movimento metafórico de retorno a Roma, sendo o livro lido uma representação da chegada de seu autor, que até então estava ausente, um mecanismo natural do próprio gênero; 2) o destaque maior da coleção é o próprio autor, a quem o objetivo dos livros é criar uma imagem de um cidadão excepcional, tendo todas as qualidades possíveis e imagináveis, imagem essa eternizada pela coletânea; num segundo momento, os principais elogiados são seus protetores, conterrâneos e amigos próximos.

Das poucas características obrigatórias do gênero epistolográfico, a personificação do emissor em sua carta é uma das mais evidentes, explorada no Drama grego e romano, por exemplo, gênero no qual se utiliza a carta para materializar seu autor em outro lugar. Contudo, Plínio explora para além disso e indica um movimento de vai e vem tanto de Roma, quanto da

produção, que, ao que podemos atestar pelas cartas, se dá apenas em Roma, já que quando está em suas propriedades no interior da Itália, Plínio se dedica ao *otium cum dignitate* – desfruta de livros lidos a ele, da bajulação das cidades das quais é patrono, da companhia de seus amigos e familiares próximos. Então, a composição dos livros é uma atividade ligada às obrigações patrícias de quem se coloca como homem de letras, não só por hereditariedade, mas por talento e aplicação próprios.

Já em relação ao desenvolvimento de uma estátua, como bem demonstrou Henderson,<sup>17</sup> ou de um gigante que ecoará o nome de seu criador, Plínio nunca se coloca isolado, ao menos nas cartas iniciais, sendo os louvores partilhados com alguém, quando não se trata de uma equiparação de alguém elogiado na carta ao próprio autor da carta. Isso nos leva a entender que mesmo no cumprimento da *amicitia* e da *urbanitas*, Plínio busca aumentar a imagem de quem é próximo de si, aumentando sua própria imagem. Porém, nenhum dos mais famosos destinatários, como Tácito, nem de seus protegidos mais proeminentes, Suetônio, Fusco e Quadrato, aparecem em tais posições de destaque, o que sugere que Plínio objetivou aqueles que trilharam um longo caminho consigo e o ajudaram a chegar à posição social e política que conquistou, sendo ele o primeiro cônsul de sua família, ao que se sabe.

Com isso, podemos afirmar com certa segurança que há uma macroestrutura, a coletânea de nove livros, composta de segmentos maiores, os livros, e segmentos menores, as cartas. De mesma sorte, tais segmentos se analisados isoladamente podem ter um significado, porém, são ressignificados quando lidos na presença de outros segmentos. Assim, as cartas iniciais direcionam o entendimento do livro, apontando para a macroestrutura, bem como afastam o caráter meramente ocasional da obra – o que a coloca não ao lado das cartas de Cícero, mas ao lado das *Éclogas* de Virgílio e das epístolas de Horácio.

Cabe, então, entender as cartas de Plínio como um emaranhado literário, uma obra viva, pois se ressignifica e evolui conforme alguém lê e relê os livros epistolares. Isso nos ajuda a compreender não apenas os fatos históricos ocorridos naquele

tempo, ou os interesses e preferências pessoais de Plínio, enquanto um senador consular dedicado à erudição, mas também nos permite investigar como as relações políticas, jurídicas, sociais e, até mesmo, amorosas funcionavam no começo da Roma imperial. Na mesma esteira, somos levados a rever o conceito de literatura e de consumo da literatura, não apenas como obras isoladas e juntadas posteriormente, mas como complexas estruturas que normalmente só são ditas existir na Renascença.

ABSTRACT

This article proposes a new reading of Pliny's letters, understanding them not as separate pieces of a scattered collection put together at the last minute, but as a complex and harmonious literary composition. In this fashion, we understand the book not as a dead assemblage of what had been done long before, but as a living being. In addition to being a giant that echoes the image of an excellent Pliny, the collection of letters points to a very well-developed poetic structure, one that makes each member of that body resonate with the others; the smaller members, the cards, or the larger members, the books. For this, we will look at how Pliny makes use of positions one and two in the books and what these positions mean for the work as a whole.

KEYWORDS

Pliny, the Younger; Epistolography; Literary Composition; Epistolary Book; Letter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRLEY, A.R. **Onosmaticon to the Younger Pliny**. Leipzig: K.G. Saur Verlag GmbH & Co K.G., 2000.

GIBSON, Roy; MORELLO, Ruth. **Reading the Letters of Pliny the Younger**. Cambridge: Cambridge University Press; 2015.

HENDERSON, John. **Pliny's Statue: the Letters Self-portraiture and Classical Art**. Exeter: University of Exeter Press, 2002.

MARCHESI, Ilaria. **The Art of Pliny's Letters**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MARCHESI, Ilaria (ed.). **Pliny, the Book-Maker: Betting on Posterity in the Epistles**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

PLINE, Le Jeune. **Lettres: tome I, II, III**. Texte établi par Hubert Zehnacker. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

SHERWIN-WHITE, A.N. **The Letters of Pliny**. Reprinted. Oxford: Claridon Press, 1968.

ZEHNACKER, H. **Pline Le Jeune: lettres**. Introd. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

<sup>1</sup> Fazemos uso aqui da edição de Zehnacker (Pline, 2009).

<sup>2</sup> Todas as traduções são de nossa autoria.

<sup>3</sup> “Talvez o melhor exemplo conhecido deste último [enviar cópias de um trabalho novo a um amigo] seja a carta de Cícero para Varrão junto com os quatro livros de sua revisada e aumentada obra *Academica*”. (*Perhaps the best-known example of the latter, Cicero’s letter to Varro presenting the four books of his revised and enlarged Academica*). BODEL in: MARCHESI, 2015, p. 44.

<sup>4</sup> MARCHESI, 2015, p. 185.

<sup>5</sup> MORELLO, 2015.

<sup>6</sup> MARCHESI, 2008, p. 241.

<sup>7</sup> ZENACKER, 2009.

<sup>8</sup> Para detalhamento sobre cada destinatário e fontes outras sobre eles, cf. Birley (2000) e Sherwin-White (1968).

<sup>9</sup> Pelas limitações de espaço próprias de um artigo, colocamos apenas a introdução e a conclusão das cartas medianas e longas.

<sup>10</sup> II.11, II.12, IV.8, VI.2, VIII.21.

<sup>11</sup> Provavelmente a utilização do grego aqui se deve à maior referência de Plínio, Demóstenes, que é citado nessa mesma carta como modelo utilizado para a escrita de um discurso.

<sup>12</sup> No original lê-se *princeps*, o principal, o maior, o mais importante. Certamente Plínio aqui quer destacar seu papel político e social por meio de um substantivo que já teria se tornado título e a forma comum de se referir aos imperadores.

<sup>13</sup> Para a interpretação de autoelogio contida em toda a obra, cf. Henderson (2002).

<sup>14</sup> *Iliada*, 9.3.19, excerto no qual Aquiles justifica sua negativa para lutar.

<sup>15</sup> Isto é, uma pequena demonstração de cartas aparentemente independentes, mas que se ressignificam durante releituras.

<sup>16</sup> Vale comentar que o número de cartas de um livro não necessariamente corresponde ao tamanho do livro. O livro com mais cartas, o IX, tem 40 cartas, enquanto o com menos cartas, o II, tem 20. Contudo, o livro II tem mais caracteres e palavras que o IX, logo, demoraria mais tempo para ser lido num recital, e nem um nem outro é o livro mais longo ou o mais curto, que são, respectivamente o III e o V.

<sup>17</sup> HENDERSON, 2002.